

Tecer para compreender: educação, cultura e literatura na complexidade do mundo

Weave to understand: education, culture and literature in the world complexity

Mariane Moser Bach

Licenciada em Letras-Português e Inglês e mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

E-mail: mariane.bach@gmail.com

Resumo: O presente estudo ocupa-se em refletir sobre a Teoria da Complexidade e suas implicações para os entendimentos construídos no âmbito da educação, da cultura e do ensino de literatura. Para tanto, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, tendo como base os estudos de Morin (2003; 2004; 2006; 2011), Martinazzo (2016) e Santomé (1998). Como principais resultados, aponta-se que a humanidade, ao mesmo tempo em que produziu avanços extraordinários nos campos técnico e científico, também produziu grandes desastres e cegueiras, utilizando-se da mesma racionalidade, a qual fragmentou o conhecimento. Morin aponta, então, a necessidade de uma reforma do pensamento, pois há inadequação entre os saberes fragmentados e os problemas cada vez mais multidisciplinares e planetários. A reforma do pensamento caminha em direção à percepção da complexidade e multiculturalidade do mundo em que vivemos, e reconhece na literatura um grande potencial de retratar a condição humana. Ao mesmo tempo, o paradigma da complexidade traz contribuições importantes para o ensino de literatura, mostrando seu potencial interdisciplinar e apontando a necessidade de este ser contextualizado, participativo, pertinente. Por fim, ressalta-se que a educação é imprescindível para essa reforma do pensamento, assim como reformar o pensamento é imprescindível para continuar educando.

Palavras-chave: Complexidade. Cultura. Ensino. Interdisciplinaridade. Literatura.

Abstract: This study focuses on reflecting on the Theory of Complexity and its implications on the understandings built in the field of education, culture and literature teaching. For this, we used bibliographic research, based on the studies of Morin (2003; 2004; 2006; 2011), Martinazzo (2016) and Santomé (1998). As main results, it is pointed out that humanity, while producing extraordinary advances in the technical and scientific fields, also produced great disasters and blindness, using the same rationality, which fragmented knowledge. Morin discusses the need for a thought reform, as there is inadequacy between fragmented knowledge and increasingly multidisciplinary and planetary problems. The thought reform goes towards the perception of the complexity and multiculturalism of the world in which we live, and recognizes in literature a great potential to portray human condition. At the same time, the complexity paradigm brings important contributions to literature teaching, showing its interdisciplinary potential and pointing out the need for being contextualized, participative, and pertinent. Finally, it is emphasized that education is indispensable for this thought reform, just as reforming thought is essential for continuing education.

Keywords: Complexity. Culture. Teaching. Interdisciplinarity. Literature.

1 *Considerações iniciais*

Para o pensador francês, Edgar Morin (2003), cujo olhar sempre vê além do óbvio, definir o gênero *Homo* como *sapiens*, isto é, um ser racional e sábio, é uma ideia no mínimo pouco racional e sábia. Segundo o autor, caberia melhor a definição de *Homo sapiens demens*, pois o humano tem em si uma grande cota de loucura, que preenche o ser e o mundo com paixões, cóleras, poesia, delírio, mitos, deuses, rituais. A nossa vida comporta contradições, esferas opostas, complementares e necessárias, tais como ordem e desordem, singularidade e pluralidade, sabedoria e loucura, prosa e poesia. Compreender isso é um passo para o diálogo, para o entendimento sobre si mesmo e sobre o outro.

No entanto, tal compreensão ainda caminha a passos lentos, pois necessita de uma visão complexa da vida humana e do mundo, que, por sua vez, exige uma reforma de pensamento, como aponta Edgar Morin (2003), com vasta obra dedicada à Teoria da Complexidade. De acordo com o autor, há uma crescente inadequação entre os saberes separados, compartimentados em disciplinas, e as realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, globais, planetários. Desse modo, ao mesmo tempo em que são notáveis, especialmente a partir do século XX, os avanços da ciência e da tecnologia, a humanidade também produziu e continua a produzir grandes cegueiras.

Considerando isso, o presente trabalho ocupa-se em refletir sobre a Teoria da Complexidade e suas implicações para a educação, a cultura e o ensino de Literatura. Para atingir esse objetivo, é realizada uma pesquisa bibliográfica, que tem como base os estudos de Morin (2003; 2004; 2006; 2011), Martinazzo (2016) e Santomé (1998). Sendo assim, busca-se a compreensão do objeto de pesquisa pela interpretação dos sentidos produzidos pela leitura dos textos validados pela comunidade científica. Este trabalho reconhece seu caráter limitado e provisório, mas procura inserir-se no debate da questão, a fim de ampliar o diálogo sobre o assunto proposto.

2 *Da fragmentação do conhecimento à racionalidade complexa*

Ao longo da História, a humanidade construiu uma imensurável quantidade de conhecimentos sobre as mais diversas categorias do mundo da vida, quer dizer, saberes míticos, religiosos, folclóricos, técnicos, linguísticos, filosóficos, científicos etc., os quais se ampliaram e se modificaram no curso do tempo. Ademais, a compreensão do ser humano sobre o seu próprio modo de operar a razão e construir esses conhecimentos não permaneceu a mesma nesse percurso. Isso, por sua vez, inspirou o projeto de ser humano e de sociedade desejado em cada época e, por conseguinte, a educação.

A ideia de um saber unitário, que pudesse explicar o mundo natural e humano, é antiga, originando-se ainda dentro de uma consciência mítica e preservando-se durante a passagem para a consciência racional. O currículo organizado em disciplinas já existia na tradição grega e medieval e a unidade do conhecimento foi o princípio organizador de muitos destes currículos, cuja educação deveria garantir o desenvolvimento da pessoa com uma formação integral (BRASIL, 2013).

A partir da Modernidade, no entanto, o homem passa a enxergar a realidade por meio de um olhar cada vez mais científico, tratando a existência humana com crescente objetividade, substituindo um saber unitário pela ascensão das ciências em suas especialidades, em um processo de fragmentação do conhecimento. A obra *O discurso do método* de René Descartes (1985) é considerada um marco na fundação do pensamento moderno, segundo a qual a verdade está nas ideias claras e distintas de um sujeito racional sobre um objeto, que pode ser mensurável a partir de um método, o que inclui dividir as dificuldades em partes e decompor o todo em vários elementos. Nessa perspectiva, o conhecimento serve para o homem possuir e dominar a natureza.

Além da Revolução Científica, esse é o momento histórico de ampliação da especialização do trabalho, que culminará mais tarde na Revolução Industrial. Conforme Santomé (1998), o crescimento da industrialização, o avanço das tecnologias, o avanço do modelo capitalista e os processos de transformação das sociedades agrárias são fatores que estão também relacionados com a divisão do conhecimento em disciplinas. “As indústrias necessitavam urgentemente de especialistas para enfrentar os problemas e objetivos específicos de seus processos de produção e comercialização” (SANTOMÉ, 1998, p. 47), de modo que surgiram muitas especialidades e subespecialidades. Esse foi um momento importante para a consolidação da figura do especialista, aquela pessoa que sabe muito de um campo científico cada vez mais delimitado.

Por outro lado, a partir do século XX, é crescente o entendimento de que a superespecialização do conhecimento também gera problemas, ou, pelo menos, não consegue mais dar sustentação à resolução das questões do nosso mundo atual, ao não permitir uma compreensão razoável das mesmas. O problema da fragmentação do conhecimento consiste, desse modo, na divisão das áreas do saber em disciplinas tão particularizadas e isoladas umas das outras, uma vez que elas são afastadas da existência concreta do homem, buscando verdades fechadas sobre si mesmas.

De acordo com Santomé (1998, p. 45),

a complexidade das sociedades nas quais vivemos, a interligação entre as diferentes nações, governo, políticas e estruturas econômicas e sociais, levam a análises também mais integradas, nas quais devem ser consideradas todas as dimensões de forma inter-relacionada, integrada.

Sendo assim, a complexidade do mundo humano exige, a cada dia, um olhar também mais complexo sobre ela. Grande parte do desenvolvimento deste olhar acontece na escola, que abre janelas para ver o mundo. Portanto, uma prática de sala de aula que se sustente por uma racionalidade complexa se faz necessária, a fim de promover a construção de um conhecimento menos fragmentado e mais significativo para o indivíduo e a sociedade. Desse modo, “é preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2004, p. 89).

A complexidade, por esse viés, configura um mundo formado por um conjunto de “emergências e ambivalências, ordem/desordem, acaso e necessidade, riscos e

incertezas, singularidade/pluralidade, de diferentes matizes, constituições e grandezas” (MARTINAZZO; BARBOSA, 2016, p. 21), que se entrelaçam no tecido da realidade fenomênica, apresentando-se como um desafio à nossa razão, que necessita de códigos de leitura e interpretação adequados para a sua compreensão (ibidem).

O pensamento complexo tem sido traduzido para o contexto escolar sob os princípios pedagógicos da multidisciplinaridade, transdisciplinaridade e, mais comumente, da interdisciplinaridade, termo que aparece com frequência nos documentos que regem e orientam a educação do país neste século XXI, nos quais são fomentadas abordagens que buscam ampliar diálogos entre os componentes das áreas do saber, por meio de práticas pedagógicas focadas na interdisciplinaridade, na contextualização e na integração curricular.

Pensa-se que por meio de uma perspectiva interdisciplinar da educação o aluno terá potencializada sua capacidade de estabelecer conexões entre os conteúdos de uma disciplina e outra, entre a teoria e a prática, bem como uma maior consciência sobre o lugar que ocupa no planeta, enquanto indivíduo, espécie e ser social. E, ainda, espera-se que eleve sua capacidade de detectar, analisar e enfrentar os problemas que ultrapassam os limites de uma disciplina. O ensino interdisciplinar, portanto, visa relacionar os saberes de maneira que o aluno possa conhecer e situar-se no mundo de maneira mais abrangente e contextualizada. Edgar Morin acredita que “um pensamento capaz de não se fechar no local e no particular, mas de conceber os conjuntos, estaria apto a favorecer o senso da responsabilidade e o da cidadania. A reforma do pensamento teria, pois, consequências existenciais éticas e cívicas” (2004, p. 97).

Dessa forma, percebe-se que falar em interdisciplinaridade não é tratar apenas de organização científica, mas, para além disso, é ultrapassar essa questão e provocar mudanças nas estruturas institucionais, nas relações de ensino, na relação escola-universidade-sociedade e no projeto educacional que idealizamos, isto é, aquilo que esperamos da formação do sujeito. Nesse sentido, conforme Santomé(1998, p. 45),

também é preciso frisar que apostar na interdisciplinaridade significa defender um novo tipo de pessoa, mais aberta, flexível, solidária, democrática e crítica. O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais frequentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade.

Edgar Morin (2011) aponta que o conhecimento tem pertinência quando contextualizado, ao contrário da tendência dominante, a partir de qual a relevância do conhecimento se manifesta por meio da especialização e da abstração. A especialização abstrata retira o objeto de seu meio e coloca em questionamento a sua validade. O conhecimento fragmentado, mecanicista e reducionista não toma os problemas do mundo a partir de uma visão multidimensional, e, como consequência, surgem soluções que são problemas, criações que destroem. Para Morin (2004), a incapacidade de visualizar o contexto planetário torna a inteligência irresponsável e inconsciente.

Vivemos em uma era planetária e, portanto, é necessário nos situarmos nesse contexto planetário. Trata-se de um infinito diálogo do todo para as partes, da parte para o todo. Isto coloca um problema essencial e universal para todo cidadão: como conseguir acesso às informações sobre o mundo e como articulá-las e organizá-las. Disso trata a interdisciplinaridade, que busca a interação entre dois ou mais conhecimentos (disciplinas), para compreender o objeto sob uma ótica multifacetada, inter-relacionada e contextualizada.

Além disso, para encarar as questões do mundo humano em sua complexidade, é necessário perceber-se como um ser humano também complexo, isto é, que se compreende como corpo e mente, como pensamento e sentimento, como ser social e, também, singular. A escola tem um papel fundamental para o desenvolvimento dessa consciência nos alunos, com implicações no seu entendimento sobre humanidade, cultura, conhecimento, sociedade, diversidade, ética, cidadania, enfim. Os sentidos construídos sobre essas poucas palavras aqui elencadas são a base formativa do sujeito. E cabe ressaltar que o conhecimento não existe fora do ser humano. Um livro não faz nada sozinho, alguém precisa lê-lo e incorporá-lo. Por isso que ensinar não se trata apenas de transferir informações, mas de desenvolver competências e habilidades para trabalhar com o conhecimento e torná-lo pertinente.

3 Educação, cultura e literatura na complexidade do mundo

A Modernidade, influenciada pelo pensamento cartesiano, fez uma aposta no poder ilimitado da razão para trazer a felicidade e o progresso à humanidade, separando categorias como o corpo e a alma, o sentir e o pensar, a fim de estabelecer um sujeito absoluto, para quem o outro já aparecia como um objeto de sua consciência. Assim, conforme o pensamento moderno, o humano é, sobretudo, um ser que raciocina, e cujo conhecimento possibilita a transformação da natureza e a projeção de um mundo melhor. E, infelizmente, em nome de um ideal do que é ser humano, as páginas da História foram sujas com o sangue de muitas culturas consideradas inferiores pelo simples fato de serem diferentes.

É a partir do século XX, com a tomada de consciência dos problemas do projeto moderno, que autores como Edgar Morin (2003; 2004; 2006) nos ajudam a entender que o humano não é apenas um ser que raciocina, com base em ideias claras, distintas e ordenadas, mas que de mesmo modo é um ser que sente, que padece de loucuras e paixões, que cria tanto quanto destrói e que, provavelmente, possui mais incertezas que certezas.

Todo homem carrega em si a cultura que o humanizou, que o possibilitou ser membro de uma comunidade, permitindo a ele, também, construir suas marcas na tradição. Assim,

a cultura está representada no conjunto das características humanas de uma pessoa, de um povo ou de uma nação. Ela simboliza a maneira de sentir, perceber, pensar e valorizar que se expressa na nossa linguagem, nas nossas crenças, artes, normas morais e éticas. (MARTINAZZO; BARBOSA, 2016, p. 24).

Ainda conforme os autores (ibidem), a contemporaneidade pode ser definida como complexa e multicultural, termos complementares e recursivos. Diz-se multicultural, pois o mundo é um mosaico de culturas, sinônimo, portanto, de diversidade cultural.

Morin define que vivemos em uma era planetária, que “constituiu e desenvolveu uma realidade transcultural que associa as diferentes culturas em uma cultura mundial simultaneamente una e diversa” (MORIN, 2013 *apud* MARTINAZZO; BARBOSA, 2016, p. 26). Segundo esses autores, a diversidade de culturas do nosso planeta sofreu uma verdadeira mestiçagem genética e cultural, por força de processos de globalização, mobilidade e comunicação.

Um exemplo muito atual dessa realidade é a questão dos refugiados, pessoas que são obrigadas a cruzar fronteiras por motivos de guerra, perseguição, fome ou violência. Conforme dados da Organização das Nações Unidas (2018), o ano de 2017 registrou mais de 68,5 milhões de pessoas refugiadas (mais da metade delas são crianças), dado que revela um crescimento de mais de 50% do número de refugiados nos últimos dez anos e coloca esse fenômeno com uma tendência global contemporânea. Lidar com essa realidade, certamente, exige uma racionalidade aberta a compreender a complexidade da situação, para criar soluções e não mais problemas, para construir respeito às pessoas e culturas, para projetar diálogos e oportunidades em vez de muros entre fronteiras.

Por isso, a educação escolar precisa assumir o compromisso de “promover o respeito às culturas, às diversidades étnicas, religiosas, de gênero e de orientação sexual” (MARTINAZZO; BARBOSA, 2016, p. 27). Assim, a escola pode tornar-se um lugar de “aprendizagem da inclusão, da solidariedade e da convivência sem preconceitos e discriminações”, com práticas pedagógicas que promovam “identidades individuais e coletivas” (ibid., p. 29).

A construção dessas identidades passa pela linguagem. Essa é produtora de sentidos, constitutiva do ser humano, perpassando, portanto, toda e qualquer prática sociocultural. Assim, é imprescindível que a escola faça um bom trabalho com as disciplinas da área de Linguagens (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes, Educação Física) para a construção de saberes relativos às interações e às expressões do sujeito nas práticas sociais. A escola pretende desenvolver no aluno o pensamento crítico sobre os discursos que o cercam, para que este perceba-se enquanto produto e produtor de linguagens, para que compreenda as diferentes formas de linguagens e seus contextos de uso, para que compreenda a diversidade de culturas no mundo, para que consiga situar-se no contexto planetário.

É preciso reconhecer, como faz Morin (2003), que independentemente da cultura, o ser humano produz dois tipos de linguagem a partir de sua língua, que podem ser justapostas, misturadas ou separadas: uma denotativa, racional e prática, que corresponde a nosso estado *prosaico*, no qual nos esforçamos para perceber e raciocinar, e que cobre grande parte da nossa vida; outra conotativa, simbólica, metafórica, mítica, mágica, que busca traduzir a verdade da subjetividade e corresponde ao estado *poético*.

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, entretanto, houve uma disjunção entre esses dois estados: de um lado, a prosa, a ciência e a técnica; do outro, a poesia, as

humanidades e as artes. A estas últimas foi relegado um espaço de inferioridade (MORIN, 2003). Esse fenômeno torna-se ainda mais evidente com o processo de mercantilização, pelo qual a obtenção de lucro é priorizada em relação à vida, tendência que transforma diversos setores sociais a partir da aplicação de uma lógica de mercado e subestima tudo aquilo que não tem um caráter utilitário, uma aplicação imediata ou quantificável. Nesse cenário, a Literatura, a Arte, a Filosofia, a Sociologia, a História etc. são desvalorizadas e, amiúde, colocadas diante da questão: para que servem?

Ao revés dessa linha de pensamento, Morin (2006, p. 58) nos convida a abandonar uma visão unilateral do ser humano:

o homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase. O amor é poesia. Um amor nascente inunda o mundo de poesia, um amor duradouro irriga de poesia a vida cotidiana, o fim de um amor devolve-nos à prosa.

Nesse sentido, podemos dizer que a necessidade da valorização das Humanidades na educação escolar e superior está relacionada de maneira essencial à reforma de pensamento proposta por Morin, que visa substituir o pensamento simplificado, unilateral, mutilador, parcelado, separado, por um pensamento complexo, pela premissa básica que já discutimos aqui, de que o homem não é simplesmente um ser técnico e racional, de modo que as outras esferas da vida e do conhecimento também precisam ter seu espaço garantido.

A partir dessa constatação, focaremos na questão da literatura, ou melhor, do ensino de literatura na escola. Primeiramente, há de se fazer uma distinção entre *ler* literatura e *estudar* literatura. Ambas são importantes e precisam caminhar juntas. A leitura literária se revela como uma experiência individual do leitor no ato da leitura, enquanto o ensino de literatura configura-se como o estudo da obra literária, considerando sua organização estética. Na verdade, ambos processos estão interligados, pois, ao ler um texto, o aluno deve ser capaz de reconhecê-lo como um objeto esteticamente organizado, o que resultará em uma experiência de leitura mais completa (BEACH; MARSHALL, 1991 *apud* SILVA, 2006).

No entanto, esses dois níveis são, muitas vezes, dissociados na escola. A título de exemplo podemos citar aquelas aulas em que a memorização de características de escolas literárias e da história da literatura são privilegiadas em detrimento da própria leitura, isto é, da construção de sentidos a partir do texto com a participação do aluno-leitor. Essa prática ainda é comum e pode ser útil para a reprodução em provas teóricas e vestibulares, mas não ajuda o aluno a pensar por si mesmo e a colocar-se como sujeito participativo de sua própria aprendizagem. É claro que, vale ressaltar, a experiência estética não pode ser ensinada, apenas vivida. Porém, então, “cabe à escola propiciar ou criar atividades que permitam ao aluno o desenvolvimento dessa experiência estética” (SILVA, 2006, p. 518).

A leitura e a escrita do mundo, enfim, a compreensão da realidade, hoje, estão a exigir uma racionalidade complexa que transcenda as aprendizagens rotineiras, triviais e descontextualizadas, que permita ao aluno religar os saberes, captar as conexões ocultas da realidade e a se relacionar consigo mesmo e com os outros, enfim, que saiba viver sua cidadania terrestre numa terra-pátria de todos. A participação na solidarização do planeta pressupõe uma compreensão hologramática da condição humana constituída pela tríade indivíduo/espécie/sociedade. Por isso, pensar na e pela complexidade tornou-se uma exigência inquestionável nesta era planetária (MARTINAZZO, 2016, p. 97).

Nesse sentido, a Teoria da Complexidade vai ao encontro do ensino de literatura por duas vias. Primeiramente, ajuda-nos a compreender a literatura como um fenômeno complexo e multicultural, o qual se relaciona com a própria “natureza cultural” do ser humano. Todas as culturas possuem algum tipo de dimensão poética e alimentam a criação de mitos, deuses, heróis, cantos, poemas, os quais, por sua vez, alimentam a própria cultura e a riqueza linguística de cada povo. Antonio Candido (1995, p. 242), que defende a literatura como um direito do ser humano, já afirmava que “[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. Assim, nos dias atuais, marcados pela comunicação e atravessamento de múltiplas culturas, é importante que o aluno compreenda a literatura como “fenômeno cultural, histórico e social, como instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. No diálogo entre o mundo empírico e o universo ficcional, a literatura pode produzir um significado para o contexto em que vivemos” (SILVA, 2006, p. 522/523). A literatura, por esse viés, pode ser uma importante chave de leitura para o mundo em sua complexidade.

A literatura, concretizada a partir da leitura, também permite uma abordagem interdisciplinar, capaz de revelar ao aluno o diálogo entre as características estéticas do texto e as motivações históricas, sociais, políticas, filosóficas e psicológicas que contribuíram para a constituição da polissemia revelada no âmbito textual. No entanto, a literatura ainda parece ser tratada em sala de aula como objeto decodificável, tendo como base os limites estreitos da superfície textual e as noções do certo e do errado. A partir dessas noções, a escola contesta a relatividade do erro na leitura literária, não levando em consideração a natureza polissêmica do texto literário e o papel dinâmico do aluno-leitor na recepção textual. (ROUXEL, 1996, *apud* SILVA, 2006, p.522).

A primeira via de encontro entre a Teoria da Complexidade e o ensino de literatura supramencionada aqui foi a de perceber a complexidade do objeto literário e o texto literário como um tipo de leitura que nos ajuda a perceber a complexidade da vida. A segunda via desse encontro reside em trabalhar com a literatura em sala de aula a partir do pensamento complexo, favorecendo abordagens que, por exemplo, utilizem da interdisciplinaridade como princípio pedagógico. E, além disso, que

compreendam a leitura literária não como um processo de decodificar verdades que já estão ali, mas concebendo o papel fundamental do leitor na construção dos sentidos do texto.

De acordo com Ceia (2004, p. 52, *apud* LUFT, 2014, p. 263), o ensino interdisciplinar é necessário para se fazer incluir no estudo literário o estudo da filosofia, da história, da sociologia, da psicologia, da política etc., e o professor de literatura tem que ser um pouco professor de tudo isso, porque a literatura é tudo isso. Percebe-se nesse ponto de vista de Ceia que a obra literária tem grande potencial para funcionar como um eixo que articula o estudo de diversas disciplinas, aliando o prazer estético ao estudo da estética literária e à contextualização dos saberes. Para tanto, coloca muita responsabilidade sob a conduta do professor, que deve estar ciente das limitações de sua disciplina e, assim, estar aberto a buscar outros conhecimentos. Por isso é importante a superação da superespecialização acadêmica, bem como o desenvolvimento da capacidade do professor de dialogar com os outros professores, com as outras disciplinas e de fomentar o seu espírito pesquisador, para que possa, inclusive, despertar esse mesmo espírito nos alunos.

Em relação à pesquisa, é importante destacar que ela é essencial quando falamos em construir aprendizagens tendo como princípio a interdisciplinaridade. Pesquisar, parafraseando Demo (2007; 2009), significa manter a curiosidade desperta, ler criticamente a realidade, informar-se adequadamente, questionar com propriedade, reconstruir o conhecimento. Pesquisar em uma aula de literatura, por sua vez, pode relacionar-se tanto com os aspectos intrínsecos da obra, quanto com os extrínsecos, ou seja, ser curioso sobre as construções metafóricas, as figuras de linguagem, as temáticas, a estrutura do texto, a linguagem, enfim, questionando: o que este texto fala para mim e de que maneira fala para mim? Quer dizer, por que está escrito dessa maneira e não de outra? Que sentidos essa construção textual me permite elaborar? E, ademais, questionar-se e procurar entender como o conteúdo da obra é produto de um autor, de uma cultura, de uma sociedade; como a temática do texto se relaciona com outros tipos de conhecimento; como o texto se posiciona em relação a que é ou não considerado literatura; o que ou quem define o que é literatura etc.

Enfim, esses foram apenas alguns exemplos de questionamentos relevantes que podem orientar o estudo de um texto literário e não é a pretensão deste trabalho citá-los à exaustão. Além disso, cabe destacar, mais uma vez, a importância de o professor e da escola promoverem momentos que permitam não só o estudo dos textos, mas também a fruição da leitura, para que os alunos possam desenvolver o gosto pela leitura e vivenciar de fato uma experiência estética. Fala-se sempre em promover uma leitura crítica, mas é preciso começar a falar também de uma leitura com sensibilidade.

4 Considerações finais

Concluimos que a humanidade, ao mesmo tempo em que produziu avanços extraordinários nos campos técnico e científico, também produziu grandes desastres e cegueiras, utilizando-se da mesma racionalidade. Daí a necessidade de uma reforma do pensamento, pois há inadequação entre os saberes fragmentados e os problemas

cada vez mais multidisciplinares e planetários. A reforma do pensamento caminha em direção à percepção da complexidade e multiculturalidade do mundo em que vivemos.

O estado poético é um fenômeno universal, parte constitutiva do ser humano, por mais que se tente negá-lo ou esquecê-lo. A Teoria da Complexidade, pela voz de Morin, não despreza essa dimensão e reconhece na literatura um potencial extraordinário de retratar a condição humana, que é complexa. Ao mesmo tempo, tal teoria traz contribuições importantes para o ensino de literatura, apontando o seu potencial interdisciplinar e a necessidade de ser contextualizado, participativo, pertinente.

As obras de Edgar Morin (2003; 2004; 2006; 2011) nos desconfortam e, nesse desconforto, ajudam-nos a ter um olhar mais complexo sobre a vida, isto é, a perceber que as questões do mundo se apresentam sob múltiplos pontos de vista, que as realidades se entrelaçam, se interpenetram e se influenciam, que o mundo é toda natureza e, de mesmo modo, toda cultura. E, mais do que isso, a perceber que precisamos de uma mudança radical de pensamento, para um futuro melhor na Terra. A educação é imprescindível para essa mudança de paradigma, assim como mudar de paradigma é imprescindível para continuar educando.

Referências

- BRASIL. *Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno IV: áreas de conhecimento e integração curricular*. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- DEMO, P. *Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas*. 7. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009.
- DESCARTES, R. *O discurso do método*. Brasília: Editora UnB, 1985.
- LUFT, G. F. C. *Retrato de uma disciplina ameaçada: a literatura nos documentos oficiais e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)*. 2014. 302 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- MARTINAZZO, C. J. A construção de conhecimentos pertinentes na educação escolar com base no paradigma da complexidade. In: MARTINAZZO, C. J.; BARBOSA, M. G.; DRESCH, O. I. *A educação escolar em um mundo complexo e multicultural*. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. p. 89-107.
- MARTINAZZO, C. J.; BARBOSA, M. G. A educação escolar e um mundo complexo e multicultural. In: MARTINAZZO, C. J.; BARBOSA, M. G.; DRESCH, O. I. *A educação escolar em um mundo complexo e multicultural*. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. p. 19-44.

MORIN, E. *Amor, poesia, sabedoria*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 11. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2006.

MORIN, E. *Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *ACNUR: número de pessoas deslocadas chega a 68,5 milhões em 2017*. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acnur-numero-de-pessoas-deslocadas-chega-a-685-milhoes-em-2017/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SILVA, I. M. M. *Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar*. In.: *Anais do Evento PG Letras 30 Anos*. [s.l.]. vol. I. 2006. p. 514-527. Disponível em: <https://docplayer.com.br/277685-Literatura-em-sala-de-aula-da-teoria-literaria-a-pratica-escolar.html>. Acesso em: 16 jul. 2019.